

**POR UMA *HERSTORY* DE CORDEL: ENTREVISTA COM JARID
ARRAES**

**TOWARD A *HERSTORY* OF CORDEL: INTERVIEW WITH JA-
RID ARRAES**

*Bianca Mafra Gonçalves*¹

DOI 10.11606/issn.1981-7169.crioula.2018.143148

RESUMO: Entrevista com Jarid Arraes, autora de *As Lendas de Dandara e Heroínas Negras Brasileiras*.

ABSTRACT: Interview with Jarid Arraes, author of *As Lendas de Dandara (The Legends of Dandara)* and *Heroínas Negras Brasileiras (Black Brazilian Heroines)*.

PALAVRAS-CHAVE: Autoria negra feminina; Feminismo; Literatura brasileira; Literatura de cordel.

KEYWORDS: Black Female Authorship; Brazilian Literature; Feminism; Literatura de cordel.

¹ Mestranda no programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP), bacharela e licenciada em Letras pela mesma universidade. E-mail: bianca.mafra.goncalves@usp.br

A consolidação da autoria negra feminina no Brasil tem confirmado a importância de narrativas que buscam retomar figuras centrais para a história da resistência afro-brasileira: da célebre Chica da Silva reconstruída por Lia Vieira em seu *Chica da Silva: a mulher que inventou o mar* (2001), ao romance de fôlego *Um defeito de cor* (2006), de Ana Maria Gonçalves, destacando o protagonismo de Luíza Mahin, tais autoras procuram, no lado escuro da historiografia oficial, suas (contra)narrativas protagonizadas por mulheres negras. A tais personagens o *locus* narrativo emerge como possibilidade de *reexistência* frente àquilo que a História ignora, recusa ou, até mesmo, não toma conhecimento, já que muitas vezes a profusão de histórias orais não encontra correspondência nos documentos de época que poderiam confirmar a existência de tais figuras.

É pensando nesta vaga historiográfica que Jarid Arraes também faz sua literatura. Nascida em Juazeiro do Norte, interior do Ceará, autora de mais de sessenta cordéis, Arraes dedicou-se à produção (escrita e confecção) de folhetos que contam a história de importantes mulheres negras brasileiras. Assim como Lia Vieira e Ana Maria Gonçalves, Jarid Arraes busca nos vãos da historiografia, majoritariamente branca e masculina, a potência poética da vida de Aqualtune, Dandara dos Palmares, Tia Simoa e tantas outras. Consciente das questões de gênero e de raça, a

cordelista acaba criando uma *herstory* de cordel, retomando o gesto feminista que reescreve a história a partir da perspectiva feminina.

Nesta entrevista, Jarid Arraes compartilha sua história com o cordel, com o feminismo, sua herança e ancestralidade.

Crioula: *Gostaria de começar perguntando sobre a herança familiar. Li em diversos estudos sobre cordel que muitos cordelistas fazem-se nas artes dos panfletos graças a um parentesco com cordelistas e/ou xilógrafos. O seu caso não foi diferente, sendo neta de Abraão Batista² e filha de Hamurábi Batista³. Inclusive, a disposição da capa de seus folhetos lembra bastante os de seu pai. Também podemos nos lembrar da bela apropriação desta tradição em seu cordel intitulado A luta da mulher contra o Lobisomem, em intertexto com o Luta de um homem com um Lobisomem, escrito pelo seu avô. Como você avalia tal influência?*

Arraes: Eu acredito que sem essa familiaridade com cordel, eu provavelmente não teria desenvolvido um interesse de escrever e levar isso como um trabalho literário, principalmente porque ainda hoje as pessoas se surpreendem com meu "perfil" e dizem que "não faço o tipo" de quem escreve

² Abraão Batista (1935), nascido em Juazeiro do Norte/CE, é professor universitário aposentado, reconhecido internacionalmente como cordelista e xilógrafo.

³ Hamurábi Batista (1971), nascido em Juazeiro do Norte/CE, cordelista, xilógrafo e escultor, fez parte da *Sociedade dos Cordelistas Mauditos* (2000).

cordel. Eu até entendo, porque muitas vezes vejo cordelistas vestindo uma espécie de "personagem" para participar de feiras e eventos; é a coisa do chapéu de couro, das roupas de chita ou renda, essa coisa toda, que eu realmente não me identifico. Então o fato de meu pai e meu avô terem me apresentado, sobretudo da forma como o meu pai me apresentou, que trouxe temas políticos, discussões sociais etc, fez muita diferença. Acho que isso criou uma relação emocional entre o cordel e eu. Por isso passou a me incomodar tanto ver o cordel no mais do mesmo, perceber que novas gerações não se interessavam pelo cordel como literatura e o tratamento dado ao cordel se mantinha muito no campo do exótico, do humor, de um tipo de cultura popular que, por isso, não poderia ser considerada uma literatura tanto quanto a literatura que está nas livrarias e nas grandes editoras.

Claro, também é bastante perceptível que meus cordéis, em sua primeira fase, estão dialogando bastante com os do meu pai e do meu avô. As capas, meu pai que me ajudou no começo, então segui o seu estilo. Esse ano refiz todas as capas com algo que já acho mais o meu estilo, que já começa mostrar uma identidade minha. Quando eu lançar cordéis novos, quem sabe repense de novo esse visual. Acho que com o passar do tempo vou encontrando cada vez mais a minha própria identidade no cordel, conseguindo ir um pouco além daquilo que aprendi com meu pai e

meu avô. Sempre vou ter essa influência e essa afetividade que me liga ao trabalho dos dois, me orgulho muito disso, e acho que eles também se orgulham muito ao perceberem que estou voando meus próprios voos.

Crioula: *Nos seus folhetos é bastante comum a referência da internet na pesquisa de nomes de figuras femininas negras invisibilizadas pela historiografia oficial. Além da internet, quais são as outras formas que você pesquisa?*

Arraes: Pesquisei em trabalhos acadêmicos também e os próprios leitores me indicavam onde pesquisar. Uma das mulheres negras que transformei em cordel, a Maria Aranha, tinha seu nome citado em apenas um trabalho acadêmico que pude encontrar. Com o tempo, principalmente para a revisão que fiz nos cordéis quando os reuni em livro, também busquei ouvir pessoas das regiões das heroínas negras para entender como seria a oralidade em torno dessas histórias, como as pessoas daqueles lugares entendiam as biografias, as conquistas e coisas do tipo. Gosto de fazer essa junção porque nenhuma história está reduzida a apenas um tipo de narrativa.

Crioula: *No repertório de estudiosos do cordel são raras as vezes em que aparecem nomes de mulheres como autoras de folhetos. Estes creditam, sobretudo, à falta de oportunidade que as mulheres tinham para aprender a ler e escre-*

ver. Como você pensa esta invisibilidade?

Arraes: Eu acredito que há também muita preguiça de pesquisar as mulheres que são da mesma época que meu avô, por exemplo. Porque quando meu avô escrevia cordel, lá no começo, também existiam mulheres que faziam o mesmo. Inclusive criança, com toda limitação no meu acesso, eu lembro de ver, no expositor dos folhetos do Centro de Cultura Popular Mestre Noza⁴, onde cresci, que ali também tinha cordel escrito por mulheres. Acontece que é muito mais fácil chamar as mesmas pessoas de sempre para que elas falem as mesmas coisas de sempre. Tem pesquisador do cordel que vira curador, consultor e entrevistado de tudo quanto é novela, matéria, evento e coletânea, e repete sempre as mesmas coisas, convida sempre os mesmos cordelistas, faz o mais do mesmo para sempre, e assim segue "esquecendo" daquelas pessoas que nunca aparecem porque não estão dentro da panela do baião de sempre. Tenho raiva disso, me falta paciência.

Crioula: *Embora seja uma narrativa em prosa, As Lendas de Dandara (2015) faz lembrar o seu projeto com os cordéis. De que modo este seu livro de estreia é herdeiro de sua formação enquanto cordelista e feminista?*

Arraes: Hoje percebo que *As Lendas de Dandara* foi es-

⁴ Centro de Cultura Popular Mestre Noza, fundado em 1983, é um dos mais importantes polos artesanais de Juazeiro do Norte.

crita com bastante influência da Literatura de Cordel, ainda que eu não estivesse consciente disso enquanto estava escrevendo. Digo isso porque a narrativa, aos meus olhos, tem um tom bastante evidente de lendas que estão sendo contadas, de uma espécie de oralidade e saber popular que é repassado. Em alguns instantes isso até chegou a me incomodar, mas depois compreendi que era esse o papel do livro, que essa história tinha que ser contada dessa forma e que eu também estava passando por esse processo de afirmação do cordel e da minha voz. Enxergo muita beleza nisso, me orgulho muito desse livro e não só porque foi um trabalho totalmente independente e que consegui realizar mesmo depois de passar por situações de machismo e racismo. Algumas pessoas também falaram que minhas influências da poesia são perceptíveis, sobretudo no início do livro. Então penso que esse livro é um bom documento da minha história, da minha relação com o cordel, da minha trajetória de resgate dessa ancestralidade que eu sempre vou buscar, porque eu não faço ideia de onde veio. Penso que esse movimento de busca pela ancestralidade é algo que muitas pessoas negras fazem, muitas vezes de maneira inconsciente, porque nós temos pouquíssimas (ou nenhuma) pistas de quem somos. Falo a respeito disso na introdução de *As Lendas de Dandara*. Hoje me sinto muito mais em paz com isso, como se já tivesse caminhado bastante nessa estrada. Já falei muito, já escrevi dois livros que tratam princi-

palmente dessa busca, além dos cordéis, e sinto que muito disso já foi tratado em mim, então percebo que me permito escrever outras coisas. Mas fico feliz porque sei que *As Lendas de Dandara* não vai embora, está aí, e sempre cumprirá seu propósito, assim como o *Heroínas Negras Brasileiras*.

Crioula: *Lembro uma vez que você me disse que são os folhetos que te sustentam. Olhando para a história do cordel desde o início do século passado podemos considerar teu fato um marco histórico: primeiro pelo contexto contemporâneo da própria literatura de cordel e, segundo, pelo fato de ser uma mulher negra "vivendo do que escreve". Gostaria que você comentasse um pouco sobre isso.*

Arraes: Acho que isso deu certo pra mim porque eu trago temas novos para o cordel, temas que fogem desse tal "mais do mesmo" e porque faço parte de uma geração que sabe como usar a internet de forma mais profissional. Eu tenho um plano de divulgação, uso a publicidade paga do *facebook* a meu favor, aprendi com o tempo quais são as estratégias que tenho que usar. Tudo coisa que aprendi sozinha, experimentando, tentando, quebrando a cara, lutando contra as tentativas de silenciamento, de apagamento. Tenho muito orgulho de ter conseguido isso porque botei a cara mesmo e não aceitei o lugar que estava reservado para mim, que era o da invisibilidade. Ainda tenho muitas barreiras para derrubar, mas quando penso no sucesso que

conquistei com o cordel, sem dúvidas sinto muita gratidão, muita sensação de realização.

Crioula: *Recentemente você lançou seus cordéis num livro intitulado Heroínas Negras Brasileiras (Editora Polén), incluindo biografias de várias personalidades negras, como Maria Firmina dos Reis e Tereza de Benguela. Você sente que o processo de escrita e edição deste livro foi diferente em relação aos folhetos? Acredita que a mudança de suporte transforma as narrativas? Como você enxerga a transposição do folheto para o livro no contexto cordelístico?*

Arraes: O livro foi diferente dos folhetos porque foi mesmo espontâneo. Os folhetos eu escrevia cerca de dez num domingo qualquer, rapidinho, e nem fazia revisão nenhuma. Para o livro eu reescrevi todos, melhorei coisas que no presente eu entendi que precisavam melhorar. Mas achei incrível ver o resultado com as ilustrações da Gabriela Pires, que dialogam tanto com a xilogravura e em muitos momentos me lembra tanto o estilo de xilo do meu pai.

Acho que, sim, que existe uma diferença entre aquelas histórias nos folhetos e no livro. É quase como se eu tivesse pegado um animal e tirado da selva e botado num zoológico. Mas também entendo que nesse caso, a causa que está dentro dessas histórias merece alcançar mais públicos e ter um material mais resistente para durar nas escolas.

O que me incomoda profundamente é o fato de que existem cordelistas hoje que nem publicam mais em folhe-

tos, só em livros. E aí aos meus olhos entram mil questões de desvalorização do cordel, de realmente tratarem os folhetos como uma literatura inferior, de falta de compromisso com a preservação de algo tão importante e rico. As coisas para o cordel nunca vão mudar porque as pessoas não percebem o quanto certas escolhas que fazem são políticas. Penso que publicar em livros também é bom e importante, mas não que os folhetos devem ser substituídos e abandonados. Porque o folheto que é liberdade, é independência, autonomia, é enfrentamento ao mercado editorial.

Crioula: *Como você vê a produção de cordel contemporânea? Acredita que estamos num momento favorável ou acredita que há muito para transformar?*

Arraes: Me interessa pouco pelas publicações que ando vendo porque são só mais do mesmo. A mesma velha história de transformar clássicos da literatura em cordel, de escrever as mesmas coisas, os mesmos protagonistas, e sinceramente eu já li demais isso tudo e preciso ocupar o meu tempo com coisas que me tragam algo de novo. Vejo como favorável figuras como Bráulio Bessa, que faz sucesso na Globo, e o projeto "Um repente por dia", que leva pras redes sociais o cordel de forma mais *pop*, algo que chama novas gerações, que traz mensagens diferentes. Também vejo meu mérito nisso, tenho consciência de que sou muito jovem para a média de idade de cordelistas e que faço algo novo, que trouxe gente para o cordel, que estimula as pes-

soas a quererem aprender cordel, não é a toa que as oficinas que facilito são sempre cheias. Isso me interessa mais: construir coisas propositivas, histórias com protagonistas diferentes e questionamentos necessários. Toda literatura é política, quer saiba disso ou não.

Crioula: *Além do cordel, você também produz em outros gêneros, tanto em prosa quanto em verso. Conte-me sobre aquilo que não é cordel na obra de Jarid Arraes e as dificuldades de escrever e/ou lançar algo fora daquilo que a consagrou.*

Arraes: Tenho um livro de contos que está escrito, inédito. Tenho um projeto de romance para um futuro próximo e, no primeiro semestre deste ano, lanço meu primeiro livro de poesia: *Um buraco com meu nome*. É uma experiência completamente diferente, porque me sinto muito segura com a Literatura de Cordel, trato de temas sociais e, que embora estejam relacionados a mim, acabam tomando um tom mais "externo"; com o livro de poemas é tudo muito pessoal, muito íntimo e eu prefiro assim. Muitas poesias são muito políticas, claro (sou eu escrevendo, né?), mas há algumas partes no livro que mostram o lado político do pessoal. É uma experiência de exposição em muitos sentidos. Estou curiosa e ansiosa para conhecer a recepção das pessoas que já são minhas leitoras, que já acompanham o que eu escrevo. Tenho consciência de que o cordel provavelmente sempre será meu cartão de visita, minha literatu-

ra mais notável, e embora isso seja algo incrível, sobretudo num contexto de mercado como o nosso, eu também quero mostrar que eu posso fazer o que eu quiser. Só isso.

Submissão: 05/02/2018

Aceite: 29/03/2018